

A perversidade do homem conivente: o Mal em Edgar Allan Poe e Stephen King

João Vitor Temóteo Vianaⁱ

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar sob quais estratégias textuais e representações estéticas a categoria do Mal apresenta-se em duas narrativas literárias: o conto “O gato preto”, de Edgar Allan Poe, e a novela “1922”, de Stephen King. A justificativa para a realização deste estudo consiste na oportunidade de se analisar como esses dois autores trabalham um tópico tão recorrente na Literatura. No que tange aos pressupostos teóricos deste estudo, para se discutir a questão do Mal, tomou-se como referência os trabalhos de Silva (2011) e de Araujo e França (2019). Para que isto fosse realizado, foi feita uma leitura crítico-analítica do *corpus*, o que permite que este trabalho seja compreendido como descritivo e bibliográfico. Por fim, observou-se que, tanto em “O gato preto” como em “1922”, o Mal aparece como algo essencialmente humano.

Palavras-chave: Mal; Conto; Novela; Edgar Allan Poe; Stephen King.

ABSTRACT

This article aims to analyze the textual strategies and aesthetic representations used to present the category of Evil in two literary texts: the short story “The Black Cat” by Edgar Allan Poe, and the novella “1922” by Stephen King. The justification for this study is the opportunity to analyze how the two authors work on a topic so recurrent in Literature. Regarding this study’s theoretical assumptions, we referenced the works of Silva (2011) and Araujo and França (2019). We also realized a critical-analytical reading of the *corpus*, which allows this article to be understood as descriptive and bibliographical. Finally, in “The Black Cat” and “1922”, we observe that Evil appears as something essentially human.

Keywords: Evil; Short Story; Novella; Edgar Allan Poe; Stephen King.

1. INTRODUÇÃO

ⁱ Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), na área de concentração Literatura Comparada e na linha temática Literatura, Linguagens e Outras Poéticas.
joaotemoteo.13@gmail.com

O Mal constitui um ponto de intensas discussões em inúmeras áreas do saber, com muitos se questionando sobre seu advento, isto é, qual é origem do Mal que assola a humanidade, a ponto de Anderson Yan (2018) considera-lo um conceito elusivo, já que, apesar da sua constante presente no cotidiano e no imaginário das pessoas, há empecilhos para se estabelecer um consenso teórico deste conceito. Desde justificativas divinas, as quais atribuíam o Mal ao castigo de Deus ou à ação de uma figura demoníaca, passando pelo entendimento de que era o próprio ser humano a fonte de boa parte do que é maléfico, a natureza do Mal, assim como as consequências para suas vítimas, continua sendo alvo de interessantes reflexões, continua sendo um desafio.

Na medida em que a arte possui como tema central a condição humana, a temática do Mal sempre se fez presente no campo das expressões artísticas, abordada sob diferentes perspectivas e com objetivos variados. Peças teatrais, pinturas, textos literários, filmes e outras mais se propuseram e ainda se propõem a representar e, conseqüentemente, gerar debates sobre seres monstruosos ou entidades sobrenaturais, além de atos de violência e brutalidade, ou seja, tudo que, de alguma maneira, atormente ou inflige medo no homem.

Este artigo foca suas atenções no âmbito literário, já que tem como objetivo principal analisar as estratégias textuais e representações estéticas do Mal presentes em duas narrativas de dois autores diferentes: “O gato preto”, conto do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, publicado primeiramente no ano de 1843, e “1922”, novela do também estadunidense Stephen King, lançada pela primeira vez em 2010 e presente na coletânea de textos *Escuridão Total Sem Estrelas* (2015). A importância desta empreitada reside na oportunidade de se observar como escritores tão consagrados no que se refere à literatura de horror, e relativamente distantes na questão temporal, abordam em seus respectivos trabalhos a temática do Mal, de modo a estabelecer semelhanças e diferenças entre cada um.

Dessa forma, em termos metodológicos, este estudo é classificado como pertencente ao campo do comparatismo literário. Para que os fins acima descritos fossem alcançados, foram feitas leituras crítico-analíticas do *corpus*, o que permite que este artigo seja compreendido como descritivo, analítico e bibliográfico. Para embasar as reflexões sobre a questão do Mal aqui presentes, utilizaram-se os trabalhos de Valmor da Silva (2011) e de Ana Paula Araujo e Júlio França (2019). Por fim, foi possível constatar que,

em “O gato preto” e em “1922”, o Mal configura-se como um elemento essencialmente humano, resultado de escolhas morais e articuladas, já que o principal traço maléfico nas duas obras diz respeito ao assassinato, pelos narradores-personagens das histórias, de suas respectivas esposas.

2. REFLEXÕES SOBRE O MAL

No prefácio da obra *As Artes do Mal: textos seminais* (2019), intitulado “As Artes e os Atributos do Mal”, Ana Paula Araujo e Júlio França – que também são os organizadores do referido livro – traçam algumas reflexões sobre o Mal na humanidade e como ele tem sido interpretado ao longo dos anos. Como é destacado, alguns estudiosos (conhecidos como céticos) pontuam problemas na definição de um conceito de Mal, pois, segundo eles, isso ocasionaria diversos obstáculos para as circunstâncias nas quais a noção é empregada.

Este grupo possui basicamente três linhas de raciocínio: a primeira afirma que o conceito de Mal se relaciona com um mundo metafísico, povoado por seres como anjos e demônios; já a segunda postula a ineficácia da ideia de Mal, pois atribuir a qualidade de maléfico a algo ou alguém implica dizer que sua causa é misteriosa; e a terceira afirma que a noção de Mal é prejudicial quando se aborda aspectos morais, políticos e legais, na medida em que pode ser usada para promover ideias excludentes e discriminatórias.

Em contrapartida, para outros estudiosos (chamados de revivalistas), o Mal é uma categoria indispensável para se problematizar determinados eventos e situações que impressionam o ser humano. Para este grupo, o Mal não se associa necessariamente a forças sobrenaturais e nem impede uma reflexão sobre sua causa, assim como evitar este conceito por conta do uso indevido por parte de algumas pessoas não parece ser razoável. De acordo com essa linha de pensamento, ao analisarmos a questão do Mal, não estaríamos apenas conhecendo-a, mas também evitando-a na nossa vida prática, o que é ressaltado no trecho a seguir:

Para os revivalistas, somente o conceito de Mal seria capaz de dar conta de atos imorais extremos, cuja existência é difícil de ser empiricamente negada – pensemos, por exemplo, na tortura sádica. Descrevê-los como “maus”, portanto, seria o primeiro passo para entendê-los e, por conseguinte, evitá-los. Sendo aquilo o que há de pior no mundo humano, o estudo e a contenção do

Mal deveria ser uma prioridade absoluta, e deveria se impor às preocupações com outras formas de malfeitos, como a desigualdade e a injustiça. (ARAUJO; FRANÇA, 2019, p. 16)

Nesse sentido, os autores dividem as compreensões acerca do Mal em três linhagens, tendo como base a determinação de sua origem. A primeira delas é o Mal Teológico, na qual se encontram visões que explicam o maléfico através da ação de forças divinas e sobrenaturais. Contudo, inúmeras reflexões que partiam desta ideia debatiam se seria possível e aceitável atribuir o Mal a Deus que, em sua essência, representaria a bondade suprema, o que ficou conhecido como "Paradoxo de Epicuro".

Não foram poucas as tentativas de resolução desta problemática. Uma das mais famosas e que perduram até hoje no imaginário popular foi o dualismo maniqueísta, que afirma a existência de um eterno embate entre duas forças eternas e equivalentes, o Bem e o Mal. Entretanto, tal doutrina não conseguiu resolver o Paradoxo de Epicuro, na medida em que propunha uma "presença substantiva e positiva do Mal" (ARAUJO; FRANÇA, 2019, p. 17). Os neoplatônicos foram outro grupo que enfrentou o problema estabelecido pelo Paradoxo, com o pensamento de que o Mal existia como negação, como ausência de forma e do próprio ser, o que também não era uma solução satisfatória. Com vistas a resolver de vez a problemática da existência do Mal com a suposta convivência de Deus, Agostinho de Hipona propôs a ideia de livre arbítrio. Segundo esse princípio, os homens estariam livres para realizar suas próprias escolhas, e o Mal, por sua vez, seria uma espécie de punição divina pelo eventual desvio no caminho, ocasionado pelas decisões humanas (ARAUJO; FRANÇA, 2019).

A segunda linhagem de pensamentos sobre o Mal é conhecida como Mal Natural, a qual, influenciada pelo maremoto e pelo incêndio que destruiu a cidade de Lisboa, em 1755, pontuava que a natureza não era governada por seres divinos, mas que agia de forma aleatória, algo que não era apreciado por pensadores ligados ao meio religioso (ARAUJO; FRANÇA, 2019).

A terceira linha de ideias sobre o Mal, o Mal Moral, seguia um caminho moderno e afirmava que o maléfico no mundo era causado devido ao fato de que havia pessoas más. Em outras palavras, o Mal era necessariamente atrelado à humanidade. Aliada a esse entendimento está a noção de Mal Radical, proposta por Immanuel Kant, para o qual o Mal era intrínseco aos seres humanos e, dessa maneira, uma alternativa moral (ARAUJO; FRANÇA, 2019). Correia (2005, p. 84) comenta que, para Kant, a noção de Mal Radical

refere-se ao “fundamento da possibilidade de todo mal moral”, isto é, está disponível como fundamento antes do uso da liberdade pelo ser humano na sua experiência objetiva. Em outras palavras, a inclinação dos indivíduos ao Mal diz respeito à utilização da sua condição de liberdade em sua plenitude.

Por fim, na segunda metade do século XX, Hannah Arendt, influenciada pelo julgamento de Adolf Eichmann em 1961, retoma e transfigura a ideia de Mal Radical, pontuando que este poderia ser observado na instrumentalização de pessoas por outras pessoas, de modo a solidificar o controle e a manipulação por sistemas autoritários. Este pensamento refere-se à maldade burocratizada e institucionalizada feita pelo regime nazista na Alemanha. A partir desse viés, entendia-se que alguém aparentemente normal poderia ser a causa de extremo sofrimento e violência, sem nem ao menos refletir sobre a consequência de suas atitudes. Araujo e França (2019) finalizam seu trabalho com a menção à presença do Mal em obras literárias, foco deste artigo, com as poéticas negativas (como o Horror e o Gótico, por exemplo) refletindo sobre a condição humana no mundo:

Na ficção, observa-se tanto uma estetização do Mal, por meio da valorização do que é transgressivo e daquilo que, por atentar contra a vida vulgar, reforça um desejo extremo de liberdade humana, quanto um refazer constante, ainda que metafórico e figurativo, das questões que filósofos, religiosos e cientistas enfrentam continuamente. Os monstros, os *loci horribiles*, as fantasmagorias de um passado nefasto, os enredos plenos de catástrofe, todos esses elementos formais característicos de tantas narrativas do medo são, no fundo, representações ficcionais de nossas experiências sombrias no mundo – seres maus, lugares maus, tempos maus, eventos maus. (ARAÚJO; FRANÇA, 2019, p. 20)

Assim como os dois autores acima citados, Silva (2011) também se dedica a analisar determinadas áreas do conhecimento e correntes de pensamento que se ocuparam com a questão do Mal, com destaque para a figura do Diabo no texto bíblico. Dentre essas linhas teóricas, três merecem maior atenção. A primeira, o Mal como símbolo literário, aponta que as experiências dos indivíduos com o Mal costumam ser expressas em narrativas literárias, através da forma de mitos, na medida em que “A experiência do mal é tão complexa que só pode ser explicada de maneira simbólica” (SILVA, 2011, p. 123). Assim, o Mal é sentido como falta e é expresso em vários níveis simbólicos: impureza (algo que vem de fora), pecado (o mal vivido na relação com outra pessoa) e culpa (o mal interior de cada indivíduo).

Já acerca da segunda linha de pensamento, o Mal como desordem social, Silva (2011) comenta que o Mal, nesse caso, seria visto como tudo aquilo que vai em direção oposta ao que é determinado social e ideologicamente pelo grupo dominante. Nesse sentido, não é raro que ocorra a demonização do que é visto como estranho e diferente, o outro, podendo referir-se a comunidades imigrantes, por exemplo. Por fim, a terceira linha de pensamento pertence à Psicologia Analítica, que, à luz dos conceitos de Carl Gustav Jung, compreende o Mal como sombra, uma segunda personalidade do homem, pertencente ao inconsciente, que compreende tudo aquilo que é reprimido e considerado errôneo (SILVA, 2011).

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização do artigo

O presente artigo caracteriza-se como bibliográfico e de cunho analítico, inserido no campo de estudos literários e, mais especificamente, da Literatura Comparada, na medida em que foram estabelecidos diálogos entre duas obras ficcionais, o que também permite afirmar que este trabalho é descritivo, em consonância com o objetivo de descrever as semelhanças e distinções entre o conto e a novela. Ademais, empregou-se uma abordagem qualitativa para realização da análise do *corpus* citado.

3.2 Caracterização do *corpus* do artigo

Em “O Gato Preto”, somos apresentados a um narrador que logo esclarece: no dia seguinte, ele morrerá, e, por isso, propõe-se a contar a sucessão de eventos que levaram a sua ruína, para os quais ele não espera a crença por parte do leitor, dado o seu caráter impressionante e aterrador.

Acompanhamos a sequência de eventos em que o narrador passa de uma pessoa amável e que adorava seus animais de estimação, a um indivíduo cruel que, tomado pelo vício em álcool, torna-se violento para com sua esposa e seus bichos, especialmente Pluto, o gato preto, antes seu favorito. Num acesso de fúria, o narrador inominável acaba por

enforcar o felino numa árvore, cujo contorno aparece misteriosamente na parede da casa após um incêndio.

Todavia, logo depois aparece outro bichano, um gato parecido com o falecido Pluto e que, após um período de carinho e atenção dados pelo narrador, termina por sofrer com a brutalidade deste. O ápice da história é atingido quando o narrador, ao tentar ferir o novo gato, acaba atingindo sua esposa e, conseqüentemente, matando-a. Para escapar de possíveis punições, o homem decide emparedar a mulher no porão, o que é descoberto após policiais, ao investigarem o sumiço da moça, ouvirem o miado do gato emparedado junto com a mulher assassinada.

Já em “1922”, encontramos uma longa e detalhada confissão por parte de Wilfred James, na qual este esclarece como e porque assassinou sua esposa, Arlette, no verão do ano que nomeia a história. O crime se deu pois Arlette queria vender, para uma companhia de produção de carne, uma porção de terras herdadas de seu pai e, assim, ter dinheiro para deixar o lugar onde morava, algo que Wilfred não aceitou. Dessa forma, após muito pensar em como se livrar da esposa, Wilfred consegue convencer seu filho, Henry, a ajudá-lo a pôr em prática o plano homicida, que consiste em, após matá-la, jogar o cadáver no poço ao lado da casa.

É a partir da morte de Arlette que os problemas começam para o narrador e seu filho, não tanto pelas investigações sobre o sumiço repentino da mulher (que em nenhum momento constitui uma verdadeira ameaça para os criminosos), mas sim por toda a carga emocional advinda de tal ato atroz, especialmente para Henry. O cenário piora quando este engravida Shannon, a filha de um influente fazendeiro vizinho dos James, e decide abandonar o pai, ir atrás da jovem (a qual tinha sido mandada para um convento) e, com ela, adentrar numa sequência de roubos e assassinatos, encerrada quando os dois são mortos em confronto com a polícia.

Consumido pela culpa por tudo que aconteceu com seu filho, Wilfred começa a ver e conversar com o espírito de sua esposa, acompanhada pelos ratos que devoraram sua carne, os quais Wilfred sente seguirem-no ao longo dos anos. Após a morte de Henry, o narrador deixa suas terras e, por anos, tenta uma nova vida, que sempre é interrompida pela presença cadavérica da esposa com os roedores. Por fim, em 1930, oito anos após os horríveis acontecimentos, Wilfred morre sob circunstâncias suspeitas em um hotel na cidade de Omaha, no momento em que finalizava sua carta de confissão.

4. A PERVERSIDADE E O HOMEM CONIVENTE – O MAL ESSENCIALMENTE HUMANO

Os pontos de aproximação entre “O Gato Preto” e “1922” são evidentes inicialmente a nível de estrutura textual: tanto o conto quanto a novela são narrados em primeira pessoa, isto é, narradores que também são personagens e que contam a história a partir exclusivamente do seu ponto de vista. É curioso o fato de que ambos possuem a certeza de que estão próximos da morte, o que os fazem se utilizarem da escrita para narrar os acontecimentos, mas também para tentar suportar (ou, em certa medida, exorcizar) a carga de culpa advinda de suas atitudes, como pode ser observado no trecho do conto de Poe (2015, p. 457), “But tomorrow I die, and today I would unburthen my soul”, e também no seguinte excerto de “1922”:

but I will not live here for long; I know that as well as I know what is making the sounds I hear in the walls. And I know where I shall find myself after this earthly life is done. I wonder if Hell can be worse than the City of Omaha. Perhaps it is the City of Omaha, but with no good country surrounding it; only a smoking, brimstone-stinking emptiness full of lost souls like myself. (KING, 2010, p. 10-11)

O leitor não deve, contudo, deixar ser iludido pelas palavras desses homens em desgraça e no derradeiro final de suas vidas. É preciso que se adote uma postura suspeita em relação a esses narradores-personagens, pois o ato de escrever dos dois não visa simplesmente narrar os acontecimentos, mas apresentar justificativas, possíveis atenuantes para os homicídios cometidos. O primeiro deles é o argumento de que suas almas e faculdades mentais foram tomadas por espécies de entidades, as quais levaram os narradores aos assassinatos, o que é demonstrado pelas partes abaixo:

This spirit of perverseness, I say, came to my final overthrow. It was this unfathomable longing of the soul to *vex itself* – to offer violence to its own nature – to do wrong for the wrong’s sake only – that urged me to continue and finally to consume the injury I had inflicted upon the unoffending brute [o gato]. (POE, 2015, p. 459)

I believe that there is another man inside of every man, a stranger, a Conniving Man. And I believe that by March of 1922, when the Hemingford County skies were white and every field was a snow-scrimmed mudsuck, the Conniving Man inside Farmer Wilfred James had already passed judgment on my wife

and decided her fate. 'Twas justice of the black-cap variety, too. The Bible says that an ungrateful child is like a serpent's tooth, but a nagging and ungrateful Wife is ever so much sharper than that. (KING, 2010, p. 11)

No caso da narrativa de Poe, o espírito da perversidade, alimentado pelo vício em álcool da personagem (chamado de “Demônio da Intemperança”, outra entidade), é o fator principal para a explosão de violência e crueldade do narrador com os seus bichos de estimação e sua esposa. Vale ressaltar as inúmeras referências que há, em “O gato preto”, à corrupção do caráter do indivíduo por sentimentos e ações atroz, quase que personificados, além do aspecto de exaltação do texto, com a utilização em larga escala de pontos de exclamação e de uma intensa adjetivação, de modo a reforçar o desespero do narrador. Isso pode ser observado no trecho a seguir, no qual o narrador, após um incêndio, depara-se com a imagem do gato morto contornada na parede da casa:

It was now the representation of an object that I shudder to name – and for this, above all, I loathed, and dreaded, and would have rid myself of the monster *had I dared* – it was now, I say, the image of a hideous – of a ghastly thing – of the GALLOWS! – oh, mournful and terrible of Horror and of Crime – of Agony and of Death!
And now was I indeed wretched beyond the wretchedness of mere Humanity. And *a brute beast* – whose fellow I had contemptuously destroyed – *a brute beast* to work out for *me* – for me a man, fashioned in the image of the High God – so Much of insufferable wo! Alas! Neither by day nor by night knew I the blessing of Rest any more! (POE, 2015, p. 461-62)

Já em “1922”, tem-se o Homem Conivente, entidade violenta que habitava o interior de Wilfred, e que foi responsável pela morte de Arlette, de acordo com o próprio narrador – “I am not a monster; I tried to save her from the Conniving Man” (KING, 2012, p. 11). Nota-se aqui uma clara tentativa de Wilfred se dissociar de si mesmo, muitas vezes referindo-se a suas ações não na primeira pessoa, como “eu fiz isso ou aquilo”, mas se utilizando de uma terceira pessoa (o Homem Conivente), de forma a insinuar que não foi ele quem cometeu esses vis atos.

A menção a essas figuras alojadas no interior humano faz com que, nas duas histórias, tem-se o Mal relacionado à ideia de Sombra do homem. Silva (2011, p. 124) esclarece que, a partir da perspectiva psicanalítica de Carl Gustav Jung, o termo Sombra diz respeito a uma “segunda personalidade da pessoa humana e representa ideais reprimidos, sentimentos não vivenciados, senso de humor, fantasias diversas. A Sombra é um arquétipo, ou seja, faz parte de toda a personalidade”. Em outras palavras, a sombra

é algo que se acha no exílio da consciência, na medida em que não se encontra de acordo com o que é estabelecido pelas normas sociais, temendo a rejeição por parte do que estão ao redor (RAMOS; XAVIER, 2014).

Nesse sentido, Paulo Bonfatti *et. al.* (2022) aponta que esse aspecto aparentemente sombrio do ser humano, apesar de ser reprimido, não pode ser evitado, sendo formado a partir das várias tentativas de expressar o que é desejado e considerado aceitável – essa parte compreendida como a ideal é chamada de Persona, estrutura oposta e complementar à Sombra. Porém, Bonfatti *et. al.*; (2022) também afirma ser um equívoco associar a Sombra imediatamente à obscuridade da personalidade humana, já que ela contém algumas qualidades admiráveis e está intimamente associado ao Ego.

Quando se analisa “O gato preto” e “1922” à luz da noção de Mal enquanto Sombra, percebe-se que não existe nada de admirável nas entidades que “tomam controle” dos narradores dessas histórias, já que o espírito da Perversidade e o Homem Conivente são expressões puras de agressividade e ódio. Ademais, não se nota grandes esforços por parte de nenhum dos dois narradores para tentar manter essa personalidade homicida e sádica reprimida.

Ainda sobre a novela de King, deve-se salientar a misoginia marcante das personagens masculinas, como o xerife que investiga o sumiço de Arlette, o vizinho de Wilfred e, por fim, ele mesmo, já que, em vários momentos da novela, ele descreve as atitudes da esposa de forma pejorativa, destacando o seu caráter supostamente ganancioso e lascivo (por este ponto, é clara a associação que Wilfred faz entre Arlette e a figura de Eva, as culpadas, a partir da sua perspectiva, pelo declínio do homem), o que ressalto nos trechos a seguir: “Yet she means to drive us away from it as surely as the angel with the flaming sword drove Adam and Eve from the Garden” (KING, 2010, p. 17); “She spread her legs and put her hand on her crotch to show where the itch was. There was a Vulgar Woman inside her – perhaps even a Harlot – and the wine always let her loose” (KING, 2010, p. 18).

As estratégias de convencimento do leitor pelos narradores-personagens das duas histórias ficam ainda mais clara quando ambos tentam atribuir aos acontecimentos certo caráter ordinário, algo que poderia se dar com qualquer um, o que pode ser observado no já citado trecho de “1922” em que Wilfred afirma que, em todas as pessoas, habita o Homem Conivente, uma pendência para o Mal, algo parecido com que o narrador de “O

gato preto” insinua logo no começo da narrativa, ao classificar a história que irá contar como “doméstica”, repleta de eventos que, para outras pessoas, podem soar ordinários. No excerto a seguir, o narrador volta a insinuar a proximidade e até uma possível igualdade com o leitor:

Who has not, a hundred times, found himself committing a vile or silly action, for no other reason than because he knows he should not? Have we not a perpetual inclination, in the teeth of our best judgment, to violate that which is *Law*, merely because we understand it to be such? (POE, 2015, p. 459)

Em outras, palavras, tem-se aqui um movimento duplo, quase que contraditório, pois, se em um momento, os narradores tentam afastar-se dos atos que cometeram, justificando-os e atribuindo-os a entidades paralelas ao estado dito normal da sanidade, em outro eles apontam que esta explosão de brutalidade poderia acontecer - se é que já não aconteceu - com qualquer pessoa que esteja lendo suas histórias.

Através do que já foi exposto, chega-se à conclusão de que, em “O Gato Preto” e em “1922”, o Mal, além de ser visto como Sombra da personalidade humana, é não apenas algo inerente ao ser humano, como uma alternativa, uma escolha moral genuína, possível em diferentes situações. Essa visão se aproxima ao que Araujo e França (2019) entendem como Mal Radical, um Mal essencial e intrinsecamente humano e, nos dois textos, racionalmente previsto e arquitetado, mesmo que os narradores-personagens tenham tentado se desvencilhar do maléfico por meio da culpabilização de uma entidade exterior, algo que, paradoxalmente, é desmontado pelas suas próprias confissões. Observa-se igualmente nas duas histórias que, a partir das reflexões de Yan (2018), o maléfico apresenta-se no campo do comportamento e pode ser associado à falta de empatia pelo outro.

Laís Campos (2019) vai além e afirma que, com base em estudos psiquiátricos, o narrador do conto de Edgar Allan Poe se encaixa na categoria da psicopatia, ao apresentar as seguintes categorias: não consegue assumir responsabilidade pelos seus atos; possui pouco grau de afeto por quem está ao seu redor; ser manipulador; e a já mencionada falta de empatia, além de inclinação à perversão. Com base no que foi descrito anteriormente, seria possível atribuir a mesma classificação a Wilfred, de “1922”, na medida em que o narrador da novela de King possui quase os mesmos traços destacados por Campos (2019) em sua análise de “O gato preto”. Contudo, pode-se apontar que Wilfred não apresenta

completa falta de empatia para com os outros (somente com Arlette), já que ele sofre culpa e remorso pelo o que aconteceu com o seu filho, sentindo-se responsável – até para com a vaca da família o narrador de “1922” nutre afeto.

Outro ponto de contato entre os dois textos é utilização de animais para marcar a derrocada das personagens, no caso, o gato no conto de Edgar Allan Poe e os ratos na novela de Stephen King, ambos denunciando os atos atrozes que foram cometidos. Sobre “1922”, a presença dos ratos aponta para certa ambiguidade narrativa, já que não se tem a certeza de que os roedores efetivamente existem ou são apenas um indicativo do estado mental deteriorado de Wilfred, ou até mesmo a culpa que o consome, culpa essa não pela morte de Arlette em si, mas pela destruição de sua família e a morte de seu filho. No que tange à possível dúvida sobre a existência concreta dos ratos (o que não parece o caso), tem-se abaixo um dos momentos finais da novela, quando Wilfred, após deixar a fazenda, consegue emprego em uma biblioteca pública:

The rats, you see. They found me there, too. I began to see them crouched on piles of old books in the Binding Room, or scuttering along the highest shelves in the stacks, peering down at me knowingly. Last week, in the Reference Room, I pulled out a volume of the Encyclopaedia Britannica for an elderly patron (it was Ra-St, which no doubt contains an entry for *Rattus norvegicus*, not to mention slaughterhouse) and saw a hungry gray-black face staring out at me from the vacant slot. It was the rat that bit off poor Achelois's teat. I don't know how that could be—I'm sure I killed it—but there was no doubt. I recognized it. How could I not? There was a scrap of burlap, bloodstained burlap, caught in its whiskers. (KING, 2010, p. 157)

Essa ambiguidade no enredo também é perceptível em “O Gato Preto”, pois há indícios (não tão fortes como na narrativa de King, é bom que se diga) de que, por conta do álcool e da raiva que tomou por completo o narrador, algumas percepções da personagem sejam oriundas de desequilíbrio mental, alimentado pelo seu comportamento horrendo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A brutalidade e a violência nos assassinatos e na tentativa de acobertamento de seus atos fazem com que os narradores-personagens de “O Gato Preto”, de Edgar Allan Poe, e “1922”, de Stephen King, sejam representantes de uma forma extrema e radical do Mal. Longe de parecer um rompante de agressividade ou fruto da ação de espíritos

obscuros que habitam no âmago do ser humano, o maléfico, aqui, é planejado, suas consequências são postas em consideração, revelando uma faceta sombria da condição humana.

Referências

- ARAUJO, Ana Paula; FRANÇA, Júlio. “As artes e os atributos do Mal”. In: _____. (Org.). *As artes do Mal: textos seminais*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bonecker, 2019. p. 13-21.
- BONFATTI, Paulo. [et al]. Breves considerações sobre o conceito de sombra na psicologia de Carl Gustav Jung. *ANALECTA-Centro Universitário Academia*, v. 7, n. 2, 2022.
- CAMPOS, Laís Marin de. “O gato preto” de Poe: uma nova visão para um clássico. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 99-116, jul.-dez. 2015.
- CORREIA, Adriano. O conceito de Mal Radical. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 83-94, 2005.
- KING, Stephen. 1922. In: _____. *Escuridão total sem estrelas*. Tradução de Viviane Diniz. 1ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. p. 10-118.
- _____. 1922. In: _____. *Full Dark, Zero Stars*. Nova York: Scribner, 2010. p. 9-163.
- POE, Edgar Allan. O gato preto. In: _____. *Contos de imaginação e mistério*. Tradução de Cássio de Antares Leite. 1ª edição. São Paulo: Tordesilhas, 2012. p. 72-80.
- _____. The black cat. In: _____. *Complete tales and poems*. Nova York: Barnes & Noble, 2015. p. 457-464.
- RAMOS, Karin Fernanda; XAVIER, César Rey. O conceito de Sombra e o avesso da Realidade: uma análise histórica e literária de suas representatividades. *Anais da XIX Semana de Iniciação Científica – UNICENTRO*, Guarapuava – PR, 2014.
- SILVA, Valmor da. Os poderes do mal e as máscaras do diabo. *Rev. Pistis Prax.*, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 121-135, jan./jun. 2011.
- YAN, Anderson. Desafios com o conceito de “Mal”. *Vox scripturae*, São Bento do Sul – SC, v. 26, n. 2, p. 309-328, 2018.

Recebido em: 10/02/2022

Aceito em: 26/03/2022